

A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.752

Domingo, 10 de Agosto de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas da impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Editor—Carlos Maria Coelho

O direito à habitação

O que se está fazendo no parlamento excede o que seria de esperar mesmo da desacreditada instituição democrática baseada no sufrágio eleitoral. A forma como os deputados estão encarando os interesses da população do país é verdadeiramente revoltante. O problema agudo do inquilinato é por eles encarado como uma questão banal em que o que deve procurar é conciliar-se o interesse dos inquilinos e dos senhorios, como se se tratasse dum coisa possível e relativamente fácil. E assim pa-chorrantemente vão deixando de correr as sessões sem se preocuparem com as reclamações da grande massa do público.

De vez em quando os ilustres parlamentares mostram-se enxofrados com os protestos populares e declaram, muitas formalismos, que não admitem imposições. Estes cavalheiros, quando assim procedem mostram claramente saberem muito bem que o tal sistema representativo não passa dum burla. Se assim não fosse elos não veriam uma imposição onde ha apenas uma clara e insufável indicação de opinião pública que eles, dentro dos preceitos democráticos, tinham obrigação de interpretar e de atender.

A verdade é que muitos deles já se esqueceram do povo, das suas necessidades, das suas misérias. Muitos deles puderam já necessidades e privações, mas hoje não as têm e só quase todos ricas, accionistas de empresas, ligados a Bancos e Companhias.

Já não podem ouvir as reclamações do povo; Chamam-lha coacção, imposições e recusam-se a atendê-las como se elas fossem os senhorios e não fosse o povo que fosse o soberano, como elas o diziam no tempo da propaganda, quando atacavam a política de engrandecimento do poder real. A final em cada um deles há um pequeno rei orgulhoso, envaidecido por ter conseguido ver se guindado a posição de pai da pátria.

Que o povo se compenetre bem do que valem todos esses políticos. A questão do inquilinato nas mãos deles não poderá ter nunca a solução que devia ter. O espírito tacanho de quase todos eles impede-os de ver claro e tão estupido é a sua atitude, tão mesquinhia é a sua maneira, julgando defender mais racional.

NO SUL E SUESTE

AINDA A VISITA MINISTERIAL

O ministro do comércio mentiu nas suas declarações aos jornais — por ter sido ludibriado pelos que o acompanhavam na visita. — Mantém-se quanto se tem escrito. — Um engenheiro que mentiu descaradamente.

A incompetência dos dirigentes ferroviários transformada em competência — pelos jornais burgueses

A Batalha é forçada a ter que se referir à visita ministerial ao Barreiro, novamente, porque pelas reportagens feitas pelos diários burgueses, a propósito dessa visita, ludibriava-se o público e negava-se a verdade com um desplante que fará arrispar o maior dos trapalhões. Mentiu-se descaradamente e fizera-se afirmações falsas para anular perante o público o efeito moral da nossa campanha.

Os próprios factos falam mais alto do que todos os desmentidos e de pé, absolutamente de pé, está tudo quanto temos afirmado.

O ministro do comércio disse ao S. que as diferenças entre o preço dos trabalhos feitos no Vulciano e os preços que podem ser feitos no Sul e Sueste, não são tão grande como se diz.

Pois nós afirmamos ao ministro e ao público que essas diferenças ainda são maiores do que as resultam dos números que apresentámos. São em lucros industriais a Vulcano sobre carregada os trabalhos não com 100 Ojo como dissemos, mas com 130 e 140 Ojo. Os números que temos apresentado são o resultado de cálculos rigorosamente feitos.

Não estão errados, e se algum erro lhe pode ser encontrado, é para mais e não para menos.

O ministro, ao pretender defender a questão do despedimento dos 95 operários, mentiu.

Esse despedimento manteve-se apenas para não desautorizar o Administrador Geral.

A prova que as Oficinas Gerais comportaram todo esse pessoal está no facto de terem admitido há mais de seis me-

VENALIDADE! VENALIDADE!

O Aníbal Lúcio de Azevedo

Vai regressar à Casa da Moeda,
:: entre foguetes e morteiros ::

E' preciso ser-se deputado para não ir parar á cadeia
e ordenar ao juiz que o absolve!

Trabalhador, que vives no trabalho e na miséria, le e medita: O sr. Aníbal Lúcio de Azevedo — falecere-me nela, lembra-se-le? — foi alguns anos administrador da Casa da Moeda. Recorda-te, por certo, daquela famosa negociação dos 60 milhões de réis? Apesar dos escândalos serem cotidianos, da venalidade ser uma instituição constitucional, ainda conservas na memória que ele foi acusado nitidamente, e com gravíssimas responsabilidades, no famoso caso das moedas.

A verdade brotava de todos os lados, surgiu em quase todos os jornais, era conhecida em todos os cantos do país. Não houve remédio, porque o escândalo alastrava dum maneira assustadora para os implicados, senão salvar as aparições. E, assim, o Aníbal Lúcio de Azevedo teve de afastar-se do seu lugar, o primeiro em categoria hierárquica, na Casa da Moeda e abandonar o cômodo fauteuil de deputado democrático que ocupava no parlamento.

Tinha que esperar, para entrar na cadeia, no caso de ficar libertado ou para ir ocupar os seus lugares no parlamento e na Casa da Moeda, que se conciencisse um sindicância aos seus actos?

Pois, não esperou. Antes que a sindicância se concienciasse, apareceu no parlamento, diante da admiração de muita gente que tem a consciência limpa. Essa sua reaparição no parlamento era escandalosa. Pois, proletário que vives na opressão do patrão e do Estado, o parlamento aceitou um homem sobre quem pesava uma acusação, que, a ser aprovada, pelas leis burguesas, o metia no Liximero. Aceitou-o, demonstrando assim que não possui sensibilidade moral, que não tinha a menor consideração pela sua própria dignidade. Aceitou-o, achando naturalíssimo que, é pelo critério das leis burguesas que falamos, um indivíduo que tinha prevaricado estava bem entre os parlamentares.

Desde esse momento tudo se podia conjecturar. O sr. Aníbal Lúcio de Azevedo ficava sendo considerado uma pessoa digna, ainda que se viesse a pro-

var, o contrário. Por outro lado, não é muito arriscado concluir-se que, desde que um indivíduo naquelas condições podia regressar ao parlamento, é que havia, da parte dele, a certeza que seria absolvido, apesar de tudo. E, como de aparições se cuida e a elas tudo se subordina, bastava que o sr. Aníbal Lúcio de Azevedo parecesse uma pessoa séria para assim ser por elas considerado.

Que importa, que no fundo, não é fôs? As aparições mandam...

Nem o Aníbal Lúcio de Azevedo possuía um resíduo de vergonha; nem o parlamento tinha o mais leve dos pudores. Igualaram-se logo, acamararam...

A sindicância iniciada ha quase um ano, concluiu-se. Ainda se desconhece o resultado, oficialmente, mas o sr. Aníbal já sabe que fica libertado das acusações que, com grande nüidez, lhe foram feitas. O réu sabia a sentença antes do juiz a pronunciar. Queres maisclaro?

E tanto que sabia, que já preventivamente, com grande nüidez, lhe foram feitas. O réu sabia a sentença antes do juiz a pronunciar. Queres maisclaro?

Desminho estas afirmações e faz com tódas a autoridade, pois quando Primo de Rivera deu o golpe de estado que o elevou ao poder era eu secretário administrativo do Comité da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, que então tinha a sede em Sivilla.

A Confederação não podia prestar apoio ao Directório, como jámai se prestou a qualquer partido político. O reporter ignorava seguramente que Primo de Rivera, Ando e Arlegui foram os maiores inimigos da organização sindicalista espanhola. E' certo que nos dois primeiros meses o Directório não empreendeu campanha alguma contra os elementos proletários, mas isto obedecia a um plano de antemão combinado visto que, tendo os ditadores iniciado a luta contra os políticos não lhe seria muito prático iniciar ao mesmo tempo

...

A sindicância encerrou-se de maneira a ficar libertado de responsabilidades.

Havia um Camelo, dono dum fábrica de pólvora em Val de Milhas que era

patrão do director da Casa da Moeda a quem fazia acusações graves. Pois derreteram-se segundo dia o sindicante, as acusações do Camelo. Verdade? Mentirosa? Em todo o caso ilegalidade. Um sindicante tem o dever de reservar, no maior sigilo os depoimentos que lhe fazem. Havia pessoas que tinham ouvido o Camelo fazer as suas acusações e que desejavam depor nesse sentido. Pois, a sindicância encerrou-se e essas pessoas não depuseram, porque, propostamente, a sindicância encerrou-se e essas pessoas não deixaram...

Por último o sindicante recebeu ordem de restringir a sindicância no caso dos discos, pondo-se de parte o inquérito dos seus actos administrativos como director da Casa da Moeda. Que deu a ordem? Os ministros das finanças? Um demócrata, ora o Azevedo também é democrático.

O sindicante custou-lhe a compreender que pretendiam que ele descrestasse a inocência do sindicante. Mas, agora,

que recebeu ordem para não sindicar, pegou no chapéu e abandonou a Casa da Moeda...

Dentro em breve entra, novamente, na Casa da Moeda, o sr. Aníbal Lúcio de Azevedo libertado...

Proletário amigo condenaram a uma pena pesada, na Boa Hora, um homem

que tinha feito um roubo insignificante,

a que a fome o coagiu... Está na cadeia — e lá estará largo tempo. Se o homem nunca foi deputado.

Se parares pela rua de S. Paulo e vêes muitos foguetes e morteiros, não sobressaltais. É o Aníbal Lúcio de Azevedo que entra, rapidamente, para reabilitar a fórmula de seu deputado e democrático.

O pessoal da Casa da Moeda vem apanhar a público, provocando que o Aníbal Lúcio de Azevedo, prevaricante, Mentirosa, que continua a perseguir os discos, é que para o primeiro crime o código estabelece os delitos fechados, temos, em compensação, bem abertos para o segundo delito. O leitor, que tem uma grande experiência de lições equivalentes, dispensava, por certo, esta. Mas é bem aprová-la, porque embora não lhe sirva para nada, nem mesmo recusando-a, ela deixa de sair da sua bolsa e do seu estômago...

Os tempos mudam...

A colónia espanhola zangou-se com o

ministro de Espanha em Lisboa, e pede

a sua destituição. Por seu turno, a

colónia francesa zangou-se com o minis-

tro de França e exigem também que

ele seja destituído.

Como se vê, a fraternidade entre di-

rigentes e dirigidos é cada vez mais

improvável. Os tempos vão mudando...

...

Freiras que roubam crianças

MADRID, 9.—Ontem foi realizada

uma busca da polícia, num convento

da rua de Bastamides, onde se encon-

tra estabelecido um internato de edu-

candas.

A busca ligou-se com o desapareci-

mento das crianças da rua de Hilarión

Estate, tendo sido interrogadas várias

freiras sobre a procedência das crianças

internadas no convento, cuja docu-

mentação foi exigida.

Nem todas as possuem nos termos

legais, tendo algumas das freiras caído

em contradição.

A polícia guarda a maior reserva so-

bre o resultado da busca, mas sabe-se

que vão ser efectuadas outras, a vários

institutos similares.

...

A elevação das multas

Foi para o «Diário do Governo» a lei

que eleva a 300\$000 as multas estable-

cidas nos regulamentos administrativos

de polícia geral municipal ou rural ou

nas posturas das câmaras e determinan-

do que a pena de multa aplicada nos

processos sumários policiais seja varia-

vel de 10 a 1.000 escudos.

O Aníbal Lúcio de Azevedo foi hipócritamente amnistiado, por uma sindicância, de ter delinquido na negociação dos 60 milhões de discos e nas irregularidades inter-

nas da Casa da Moeda! --

DESENTRALIZANDO UMA ATARDADA

A Confederação Nacional do Trabalho de Espanha nunca esteve de acordo nem fez pacto algum com o Directorio de Primo de Rivera

Camarada de A Batalha.—A Tardé vem publicando numa série de artigos, assinados pelo repórter X, a história do Directorio Militar da Espanha.

A nota que hoje publica o referido jornal, traz uma informação que, sendo completamente falsa, deve ser imediatamente desmentida, pois dariá margem a comentários desfavoráveis para o organismo confederal da Espanha.

Mas tratemos o assunto.

Diz A Tardé que o Directorio fez um pacto secreto com os elementos sindicais e por este pacto a Confederação assegurava a neutralidade dos organismos proletários nas lutas entre o Directorio e os antigos partidos políticos.

Como ve o reporter, estas medidas provam que os sindicalistas espanhóis não mereceram nunca as simpatias dos ditadores. Creio também que o reporter em questão não leu o manifesto que Primo de Rivera publicou quando subiu ao poder e no qual fazia sentir o seu orgulho de ser dirigente da sua organização operária, afirmando que os sindicalistas eram os únicos que lutavam contra os ditadores, não podia de modo alguma normalmente.

Desmento estas afirmações e faço com tódas a autoridade, pois quando Primo de Rivera deu o golpe de estado que ele elevou ao poder era eu secretário administrativo do Comité da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, que então tinha a sede em Sivilla.

A Confederação não podia prestar apoio ao Directorio, como jámai se prestou a qualquer partido político. O reporter ignorava seguramente que Primo de Rivera, Ando e Arlegui foram os maiores inimigos da organização sindicalista espanhola. E' certo que nos dois primeiros meses o Directorio não empreendeu campanha alguma contra os elementos proletários, mas isto obedecia a um plano de antemão combinado visto que, tendo os ditadores iniciado a luta contra os políticos não lhe seria muito prático iniciar ao mesmo tempo

...

A sindicância encerrou-se de maneira a ficar libertado de responsabilidades. Havia um Camelo, dono dum fábrica de pólvora em Val de Milhas que era

patrão do director da Casa da Moeda, a quem fazia acusações graves. Pois derreteram-se segundo dia o sindicante, as acusações do Camelo. Verdade? Mentirosa? Em todo

A BATALHA NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

COIMBRA

Os empregados no comércio na luta pelas reivindicações ameaçadas

COIMBRA, 9.—Referimo-nos ontem que, nesta cidade os trabalhadores do comércio andam agitados ante uma notícia publicada num jornal da capital, noticia que vinha tam somente dizer que as autoridades tinham ordem de permitir que os estabelecimentos comerciais abrissem ao domingo as suas portas, um desrespeito incompreensível pela lei do domingo semanal.

Dissemos também que a classe, tendo reunido em assembleia geral, resolvera realizar uma grandiosa sessão magna no domingo, para nela esse assunto ser tratado convenientemente, e a classe tomar a atitude que se julgar conveniente.

De facto, assim parece que sucede, pois que o respetivo sindicato fez editar o seguinte manifesto:

"Aos caixeiros!" — Já trouxemos a público que o jornal *A Tardé*, no lacobismo de uma correspondência de província, nos anuncia que contra a classe dos caixeiros de Coimbra se está uredindo esta coisa tremenda: esfrangalhar a lei do descanso semanal, por forma a sermos esbulhados dos direitos que esta confere e garante.

Ora isto, se nos revoltá pelo que representa de lesivo para a liberdade que gozamos e que tanto nos custou a alcançar, em lutas tremendas que são ainda dos nossos dias, deslona-nos também por constatar-nos mais uma vez que neste país o respeito pela lei só é efectivo quando dele depende o reconhecimento dos direitos dos que, pertencendo às classes privilegiadas, dessas mesmas leis se utilizam para servir os seus interesses, tantas vezes inconfessáveis, e o seu desmedido egoísmo.

Os tempos porén são outros e há que contar connosco. Vai longe o tempo em que nós, passivos e obedientes, suportávamos todos os ultimos não resgando contra qualquer prepotência.

Santarém

Comício radical

SANTARÉM, 8.—E' no próximo domingo que se reúna, na praça Sá Bandeira, o já anunciado comício radical. A noite realiza-se um jantar de confraternização, no Aliança Hotel.

A cidade imunda e sem água

Nos últimos tempos quasi não se pode andar pelas ruas sem lento nojor, não faltando das vielas e bairros da cidade que são verdadeiros locos de infecção. Nas ruas o esterquilino, são montureiras que constituem grandes perigos para a sanidade pública. Parece que a arrematação de limpeza traz a câmara embarracada mas o que é verdade é os municípios terem a impressão de que a câmara pretende alistar com estrume os principais artérias da cidade, para não se rirem d'aqueles que há já imenso tempo vêm por essas vielas imundas. Pois, além deste revoltante desleixo, temos a acentuar a falta de água que passa dias e dias sem nos vizitar, e a semelhança de Porto e Coimbra, nos mata a sede, proporcionando-nos aínda a situação desesperada dum sínistro.

Sabemos que a câmara pretende adquirir material novo, reparar depósitos e canalização, contando para isso com 800\$000 dum empréstimo que vai entrar com a Caixa Geral dos Depósitos. Para esse fim foi ontem d'agora uma comissão junto do parlamento para tratar do caso.

O pão aumenta ante a passividade do povo

O custo da vida tem encarecido loucamente, neste dia. Dentre outros gêneros destacamos o pão que teve um aumento do 0840 em cada quilo, sem que o novo trabalhador, em detrimento das suas anteriores afirmações de protesto, manifestasse a sua revolta e se opusesse a este roubo descarado, no tempo da colheita, não permitindo o assalto de que o povo consumidor acha de ser vítima. — C.

Praia da Nazaré

O congresso marítimo

PRAIA DA NAZARÉ, 8.—Em missão de propaganda do próximo congresso das classes marítimas, estiveram nesta praia, de passagem, com destino ao norte do país, José dos Santos e Salvador Gomes Latreiro, respectivamente delegados da Liga dos Oficiais da marinha mercante e da Federação Marítima, os quais, em razão da impossibilidade de reunir a classe pescatória, não podem cumprir aquela sua preciosa como espólio missão.

Das poucas e escassas horas que tivemos o prazer de trocar impressões com os referidos camaradas, obtivemos a convicção, aliás já em nós de há muito existente, de que os camaradas que se encontram à frente da organização sindical marítima estão animados de um entusiasmo admirável, se não porquanto ao quanto concerne os quais tódas as famílias naturais daquela região. A parceria é ás horas prefixas, da Praça dos Restauradores.

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como rochas, ócias e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (E a casa que fornece em melhores condições).

PAREDE

O operariado desta área tem necessidade de organizar-se fortemente

PAREDE, 9.—Ao iniciar as minhas correspondências para o jornal *A Batalha*, intencional defensor dos oprimidos e respeitados. Assim, quando, como agora houver a estulta pretensão de nos agrupar como outrora a uma vida de dependência, subversiva, sabermos com dignidade mostrar que o passado não reviverá porque representa tirania e a opressão, e hoje a humanidade só por uma causa luta e anseia — pela Liberdade!

Sou, pois, para os caixeiros de Coimbra mais uma hora de luta, Ningém faltará, decerto, a ocupar o seu lugar.

No combate que vai travar-se temos de ser os vencedores!

O estado da organização local

Ineficientemente, o proletariado desta risonha localidade não tem acompanhado o movimento de profunda transformação social que se está operando em todo o mundo civilizado. O pouco que aqui se tem feito a favor dos explorados deve-se apenas a um reduzido número de bons e dedicados camaradas que cheios de boa vontade e animados por ideais sublimes de aperfeiçoamento humano, empregam o melhor dos seus esforços no levantamento da organização operária.

O Sindicato da Construção Civil, único que aqui existe e que poderia ser sobre os empregados que vivem a hombridade precisa para reclamar uma regalia que está estabelecida como lei do país. Os outros, aqueles que ficam às 21 horas e que pretendem assim deitar poeira nos ofícios das autoridades, conservam lá dentro os seus caixeiros até altas horas da noite. São geralmente os empregados de mercearia os mais sacrificados, atendendo às tristes e humilhantes condições que presidem à sua admissão. O internato coloca numa situação de dependência e servilismo impróprios da hora que passa. Os patrões, uns analfabetos sem escrúpulos e que de humanitarismo não têm a mínima noção, exercem sobre os empregados destes ramos a mais feroz das tiranias e muitas vezes por pura futilidade, agride-nos a sôco e pontapé!

Casos destes só terminarão quando os empregados no comércio da construção, como de resto, de todo o país desfazerem para a luta e enfraquecerem a classe operária.

Afinal, triste é dizer, sómente vinte operários acorreram ao chamamento do sindicato, pô-lo que este desistiu dos seus intentos, dado o número insignificante de assistentes!

A pesar disto, caso lamentável que bem denota a apatia e desleixo da população que tudo suporta com um paciencia verdadeiramente evangélico, os elementos mais activos, os sacrificados de sempre, não desanimaram e vão a efecto qualquer sessão ou assembleia.

Ainda no pretérito domingo a direção daquela organização, no intuito louvável de despertar energias e chamar a atenção do povo para o pessimo fabrico do pão, uma mistela aquiesceu que pará-lhe com esse nome, resolveu realizar uma sessão de protesto, para o qual mandou afixar alguns placards nos postos mais concorridos.

Na noite de ontem, que foi encerrado no meio da maior entusiasmo, aprovou por aclamação uma moção que tem as seguintes conclusões:

• Protestar e combatir contra lótidas das reacções que se oponham à liberdade dos povos e do seu progresso;

• Por intermédio da C. G. T. enviar as famílias das vítimas da guerra e sobreviventes mutilados as expressões do seu sentimento na afirmação do desejo de amor e harmonia mundial;

• Deixar a mais activa propaganda anti-guerra e anti-militarista, opondo-se decididamente ao desencadear de novas guerras;

• Saúdar todos os professores da região portuguesa emitindo-lhes o desejo de que preparem os seus educandos no culto de liberdade e do respeito mútuo entre de todos a teoria soviética e anti-natural;

• Dirigir a todos as mulheres portuguesas o mais fervoroso apelo para que robustecam o coração e o espírito dos filhos, fazendo-lhes despontar na simplicidade dos seus desejos concepções um perfeito amor e sentido de justiça capaz de repudiar a perversidade e a ambição que tem corrompido os homens e as sociedades.

Na noite de ontem! O tempo urgente! — C.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

E', com absoluta certeza, na próxima terça-feira, no S. Luís, a representação da apurada peça histórica «Maria Antonietta», cuja protagonista vai ser interpretada pela primeira vez pela ilustre artista P. Mira Bastos.

Festas artísticas

E' na proxima sexta-feira, no teatro Maria Vitoria, do Avenida Parque, e com dois espectáculos, a festa do gabinete Laura Costa. O programa das récitas é atraentíssimo, constando da primeira e única representação do quadro «Cabaret Club», no qual tem representação todos os clubes e em que tomam parte, despidendo-se, os diretores «Os Geraldos». Ne-se quadro a festegada interpretar «A completista espanhola» e tocar «jazz band», acompanhada dum orquestra, gênero americano. Não havendo passagem especial, está à venda no Maria Vitoria, desde já, os bilhetes para esses excepcionais espectáculos.

É certo que a câmara se importa com os resultados que eles têm para o povo desta terra e senão analisemos por hoje estes. A câmara lançou os seguintes impostos sobre materiais de construção:

Madeiras, cada metro cubico, 1900; Pedra, idem, 2800; Cal, idem, 400; Telhas, cada 1.000, 1500; Cimento, cada barra, 400; Telhas, cada 1.000, 1500.

Ora isto se não fosse uma câmara composta de inteligentes... compreenderia que estes impostos vão dar em resultado que as construções diminuem e por tanto uma crise na indústria de construção civil, o que pode trazer sérias consequências, a-pesar de muitos operários desta indústria, nesta localidade serem o que se pode chamar uma classe sem consciência e de traidores.

Se é isto que a câmara se riaria? Se assim é pode-se engonar, pois não sabe qual será o procedimento dos operários que são traidores pela sua ambição, quando esta não possa ser satisfeita, por culpa de uma câmara de salários.

Vamos ver se a classe da Barreiro irá a este ponto de suportar esta afronta, que é um autêntico roubo ao pão dos seus filhos, sem que se revolte.

Se esta Câmara não fosse a que é, em vez de lançar os impostos que acaba de lançar, faria com que os materiais baixassem de preço, afim de que se pudesse fazer mais construções para acuidar a crise de habitação que aqui, como em toda a parte, é grande, mas os vereadores são bons republicanos e como tal seguem as pisadas dos governos desta real República.

Por hoje ficamos, pois que iremos analisar como pudermos os vários feitos desta vereação. — C.

SOCIEDADES DE RECREIO

Academia Filarmonica Verdi.

Realiza-se hoje, pelas 18 horas, quermesse pela banda de Concentração Musical 24 de Agosto. — Realiza-se hoje uma récita promovida por uma comissão de sócios em homenagem a Alvaro Alves, tendo representadas as peças «Mentira», drama em 1 acto, e «Situação complicada», comédia em 3 actos, seguidamente se baile abrillantado por um grupo de gênero líricas.

Concentração Musical 24 de Agosto. — Realiza-se hoje uma récita promovida por uma comissão de sócios em homenagem a Alvaro Alves, tendo representadas as peças «Mentira», drama em 1 acto, e «Situação complicada», comédia em 3 actos, seguidamente se baile abrillantado por um grupo de gênero líricas.

Grêmio Recreativo Gouveense. — Comemorando os tradicionais festeiros que realizam a laboriosa vila de Gouveia, efectua-se hoje, no Parque Silva Porto, em Benfica, um grandioso piquenique promovido por esta agrégation, ao qual concorrem quais tódas as famílias naturais daquela região. A parceria é ás horas prefixas, da Praça dos Paqueiros, 41.

A \$450 quilo.

BRIQUETES de São Pedro da Covilhã, postos no domicílio em sacas de 45 quilos. — Pedidos pelo telefones: C. 2455—Vicente Ribeiro & C. — Rua das Paqueiros, 41.

Abrilhanta estas festas um grupo musical regido pelo dinâmico músico de armada sr. José Alves.

As empregadas no comércio na luta pelas reivindicações ameaçadas

COIMBRA, 9.—Referimo-nos ontem que, nesta cidade os trabalhadores do comércio andam agitados ante uma notícia publicada num jornal da capital, noticia que vinha tam somente dizer que as autoridades tinham ordem de permitir que os estabelecimentos comerciais abrissem ao domingo as suas portas, um desrespeito incompreensível pela lei do domingo semanal.

Dissemos também que a classe, tendo reunido em assembleia geral, resolvera realizar uma grandiosa sessão magna no domingo, para nela esse assunto ser tratado convenientemente, e a classe tomar a atitude que se julgar conveniente.

De facto, assim parece que sucede, pois que o respetivo sindicato fez editar o seguinte manifesto:

"Aos caixeiros!" — Já trouxemos a público que o jornal *A Tardé*, no lacobismo de uma correspondência de província, nos anuncia que contra a classe dos caixeiros de Coimbra se está uredindo esta coisa tremenda: esfrangalhar a lei do descanso semanal, por forma a sermos esbulhados dos direitos que esta confere e garante.

Ora isto, se nos revoltá pelo que representa de lesivo para a liberdade que gozamos e que tanto nos custou a alcançar, em lutas tremendas que são ainda dos nossos dias, deslona-nos também por constatar-nos mais uma vez que neste país o respeito pela lei só é efectivo quando dele depende o reconhecimento dos direitos dos que, pertencendo às classes privilegiadas, dessas mesmas leis se utilizam para servir os seus interesses, tantas vezes inconfessáveis, e o seu desmedido egoísmo.

Os tempos porén são outros e há que contar connosco. Vai longe o tempo em que nós, passivos e obedientes, suportávamos todos os ultimos não resgando contra qualquer prepotência.

Os rurais de Cabeção, promoveram um grande comício e uma sessão de propagandas, com a presença de um delegado da C. G. T.

Nesta pitoresca e laboriosa vila de Cabeção que dista da estação uns seis quilômetros, por um caminho intransitável, merecendo desleixo da vereação local que só trata dos interesses do povo da localidade quando em prometemos isso fica, por ocasião das eleições, realizou-se no domingo, promovido pela Associação dos Trabalhadores Rurais de Cabeção, um grandioso comício público, com o concurso de um delegado da C. G. T.

Pelas 19,30, à porta do respetivo

animador, onde o largo se achava repleto de delegados a várias localidades e que desde que esse trabalho seja profícuo não representa nada em despesa. Ainda a moral que é preciso manter para com a própria família e fazer ver os perigos constantes da vida da taberna, disseram também também o seu cooperativo.

Terminou este serão, que também se achava largamente concorrido, com vias à organização operária, à C. G. T. e A. Batalha, tendo-se efectuado uma que auxiliou a este jornal que rendeu a quantia de 38\$00.

Assim terminou esta grandiosa

despedida no passado dia 3º do corrente.

OLÍMPIA—A 20,30—Animatrágico.

SAÍO POZ—A 14,30—Variedades.

CHIADO TERRASSA—A 14,30 e 20,30—Variedades.

CONDES CARDINALIS—A 21—Variedades.

OLÍMPIA—A 21—Variedades.

As imprecações do conde foram abafadas pelas aclamações frenéticas dos assistentes, que mais desinteressados do que Néroweg no combate, aplaudiam a valentia do urso e esperavam com curiosidade o resultado da luta. O Vagro ursino, desarmado, lutava corpo a corpo com o outro molosso, que, no momento de se quebrar o pau, tinha com as formidáveis garras filado uma perna do seu adversário, derrubando-o de baixo! Este choque impetuoso. O sangue do companheiro de Karadeuk corria em abundância e tingia o chão e a folhagem de que estava juncado. O urso e o cão roaram ambos; então carregando com todo o peso do corpo sobre o seu inimigo, que, como Debert-Trud também não largava, o Vagro quase que o sufocou, e depois tirou-lhe a vida apertando-lhe o pescoço com as mãos vigorosas, que por fim o estrangulou. Durante esta luta duplicadamente terrível, porque não sómente a mordedura do molosso tinha atravessado a perna do Vagro e lhe causava uma dor atroz, mas arriscava-se também a ser assassinado assim como Karadeuk, se se traísse; o amante da bispa, fiel ao seu fingimento ursino, não soltou senão alguns surdos grunhidos; depois, terminado o combate, o díngio animal acochou-se junto do barrote, entre os cadáveres dos dois cães e curvado sobre si mesmo, com a cabeça entre as patas, pareceu lambor a ferida, em quanto Chram, os seus vâldos e muitos leudas do conde aclamavam com grandes gritos e gorgalhadas o triunfo do urso.

— Ai de mim! murmurava o velho Karadeuk aproximando-se do seu companheiro, o meu urso está talvez ferido mortalmente... Perdi o meu ganha-pão.

— Chuços! machados! gritava o conde escumando de fúria, acabem este feroz animal, que matou Mirff e Morff, os dois melhores cães da minha matilha... Pelo céu! meu avô, seja o urso esquartejado imediatamente... Ouves-me, Gondulf? acrescentou ele dirigindo-se ao monteiro e batendo o pé no chão raiosamente; pega num desses chucos de caça

que estavam pendurados na parede... e seja morto o urso... a morte o urso...

Gondulf correu a armazém de um choco, enquanto Karadeuk, estendendo as mãos para Chram, exclamava:

— Grande rei! a minha única esperança está em sua Glória... Peço-lhe mercê e coloco-me debaixo da sua proteção, e debaixo da do seu séquito real, temível e invencível na guerra! Oh! valorosos guerreiros! Tantos terríveis no combate como generosos depois da vitória, não querereis, certamente, a morte deste pobre animal, que, vencedor, mas ferido na luta, combateu lealmente... Não, não, seguindo o exemplo do glorioso rei, a cortezania de que sois suscetíveis indignar-se-ia de tão brutal cobardia, mesmo com respeito a um pobre animal... Oh! guerreiros, não meus brilhantes pela armadura e graça militar do que aterradores pelo valor... coloco-me debaixo da proteção do rei... ele pedirá a vida do urso ao senhor conde, que não poderá recusar coisa alguma a tantos hóspedes.

— O franco é vaidoso; o seu orgulho lisongeia-se com os elogios exagerados.

Karadeuk bem sabia isto e, esperava também, dirigindo-se ao séquito real, fazer reviver entre ele e os leudas do conde as últimas discordias apenas apasiguadas. As suas palavras foram favoravelmente acolhidas pelos guerreiros de Chram: este aprimorando-se de Néroweg, disse-lhe:

— Conde, nós todos aqui presentes, teus hóspedes, te pedimos a vida deste corajoso urso, e isto em nome do nosso antigo costume germânico segundo o qual, sabes, o pedido de um hóspede é sempre concedido.

— Rei, seja qual for o costume, eu vingarei a morte de Mirff e de Morff; ambos eles me custaram seis soldos de ouro... Gondulf, venham chucos e machados... que este urso seja esquartejado imediatamente...

— Conde, este pobre pelotiqueiro colocou-se debaixo da minha proteção... eu não posso abandoná-lo.

— Chram, que tu protejas ou não este velho bandido, eu vingarei a morte de Mirff e de Morff...

— Escuta, Néroweg, eu tenho uma matilha que vale mais que a tua... já a visto caçar na floresta de Margevol... mandarás o teu monteiro ao palácio; ele escolherá seis dos meus mais lindos cães para substituir aqueles que estás a chorar...

— Pouco me importam os teus cães... já disse que vingaria a morte de Mirff e de Morff! exclamou o conde rangendo os dentes com fúria; eu vingarei a morte de Mirff e de Morff! Gondulf, os chucos! os chucos!

— Selvagem labrego! tu faltas a todos os deveres da hospitalidade recusando o pedido do filho do teu rei, disse o Leão de Poitiers a Néroweg, do mesmo modo que tu nos ultrajaste a nós, teus hóspedes, fazendo com que tua mulher não assistisse ao festim e mandando arrecadar a tua baixela antes de findar o banquete... Tu és mais urso do que esse urso, que de certo não matarás... proibio-te eu..., porque o pelotiqueiro colocou-se debaixo da proteção de Chram e da sua gente.

— Companheiros! exclamou Siegfriedo, consentiremos que se insulte por mais tempo aquele de quem somos os companheiros e os fieis?

— Não houverão aqueles rústicos animais? disse um dos guerreiros de Chram. Ai está outra vez a ladra sem que se atrevam a morder.

— Eu, Néroweg, rei do meu burgo, como o rei do seu reino, matarei este urso! e se tu dizes mais uma palavra, tu a quem alcunham de Leão, derrubado a meus pés, descarada raposa palaciana!

— Injuriás-me a mim, javali lamentaço! exclamou o gaules renegado, pálido de cólera, desembainhando a espada com uma das mãos e com a outra agarrando o conde pela gola da vestimenta. Queres que a tua garganta sirva de bainha a esta espada?

— Ah! grande ladrão! tu queres arrancar-me os meus colares de ouro! exclamou Néroweg, não cuidando senão de recatar as joias, e julgando pelo gesto

do adversário que este o queria roturar. Não tive eu bastante razão em pôr a minha baixela ao abrigo das garras de todos vossos?

— Chamam-nos ladrões? Desembainhem as espadas, homens do séquito real! as armas! vinguemos à nossa honra! esfolemos estes labregos!...

— Ah! cães degenerados! gritou Néroweg, separado do Leão de Poitiers por Siegfriedo que se metera de perneiro entre eles; querem espadas... aqui está uma e de boa tempera; tu vais experimental-a, luxuoso blasfemador, tu que só de leão tens o nome... Acudam, meus leudas! querem assassinar o seu companheiro de guerra!

— Néroweg, exclamou Chram, metendo-se outra vez de perneiro, porque o seu válido desenvernildado de Siegfriedo voltava com a espada levantada sobre o conde. Estão loucos? Leão, ordeno-te que embainhes a espada...

— Filhos! defendamos Néroweg! exclamou Siegfriedo; a ocasião é propícia para mostrarmos a estes fanfarrões, que as nossas velhas espadas ferrugentas valem mais que as suas espadas de parada. A's armas às armas...

— E nós também, às armas! acabemos com estas bestiolas!

— Julgam-se fortes, porque estão no seu ninho?

— Defendamos o válido do rei Chram, nosso rei!

— Meus queridos filhos em Deus! gritava o bispo, procurando dominar o tumulto e o barulho que aumentava a cada momento, ordeno-lhes que embainhem as espadas! é afluigir o Senhor combatendo por tam teis discórdias...

— Meus amigos, gritava também Chram sem que pudesse ser ouvido, é loucura e estupidez matarem-se uns aos outros... Innachário! Spatachario! sosseguem os nossos homens... e tu, Néroweg, tranquilisa os teus enigmas.

— Baldadas palavras... E demais, Néroweg não as podia ouvir... Uma onda da turba tumultuosa o tinha

SECÇÃO DE LIVRARIA

DE

"A BATALHA"

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colônias e estrangeiro, mediante remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:
Continente—Encomendas postais até 500g, pacotes até 2 quilos \$15 cada 50 gramas, e mais \$40 para registo em cada pacote. Ilhas—Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países da União Postal—Pacotes de 2 quilos \$950. América do Norte—Pacotes ate 5 quilos, \$650.

Publicações sociológicas

	Pelo correio
Organização Social Sindicato	\$110 500
Antonelli—A Rússia do Partido	\$200 500
A Comuna:	
A maçonaria o proletariado	\$53 150
Porque não creio em Deus	1000 1500
O Proletariado Histórico	\$53 150
Cência Lux:	
Sindicatos e intelectuais	\$53 150
Brasil—A greve geral	\$13 150
Bacunina—No sentido que somos anarquistas	\$53 150
Carlos Ribeiro—A utopía da Proletariado	1000 1500
Chapeller—Porque não creio em Deus	1000 1500
Justus Ebert—O socialismo	1000 1500
Jules Guesde—A luta dos intelectuais	\$53 150
Justus Ebert—O socialismo	1000 1500
Justus Ebert—O socialismo	1000 1500
Krapotkin—A sociedade	1000 1500
Lamartine—A Avarice, sua filosofia e seu ideal	\$53 150
A Grande Revolução (2 vols.)	1000 1500
Alfredo Neves Olas—Razão (poema social)	\$10 20
Aquino Ribeiro	
Anatole France—Estrada de São Tiago	4000 4500
Jean Giono—Tormentas	800 900
Vinicius de Moraes—Frente Parteira—Miss Nova Teatro em verso	1000 1500
Bento Mantua:	
O Fado (Teatro)	1000 1500
O Alcool e Gigante Moça (Teatro)	500 600
A Morte e Ordinário marcha (Teatro)	500 600
Binet-Sanglé—A Loucura do Juiz	500 600
Charles Darwin—Originalidade	3000 3500
A greve dos inquilinos	1000 1500
Novicov—A emancipação da maioria	1000 1500
Perfeito de Carvalho—Notas econômicas	1000 1500
Prat—Necessidade da Associação	1000 1500
Romanos—A Rússia Nova	500 600
Rossi—A exigência das massas	2000 2500
Sebastião Faure—Doze provas da existência de Deus	1000 1500
Tomaso Grossi—Séculos da Montanha	1000 1500
Uma Cidade Socialista	1000 1500

Obras de literatura, ciência e ensino

	Pelo correio
Trostky—Constituição Política da República dos Soviês	3000 3500
Um de Nós—A Canália	1000 1500
Ultimas páginas	700 800
Ernesto Haeckel:	
História da Criação	15000 17000
Origem do Homem	8000 8500
Monogamia	5000 5500
Fausto:	
Iniciação filosófica	5000 5500
Farla do Vasconcelos:	
O Ensino Étnico Social	600 650
Ensino das Escolas	4000 4500
Por terras do além mar	1000 1200
Fiamarion:	
Iniciação astronómica	6000 6500
Flávio de Almeida:	
Contos de Luar	5000 5500
Contos de mundos	6000 7000
Félix de Dantès—As influências ancestrais	6000 7000
Fausto	
Lisbon Galante	7000 8000
Estâncias de Arte e Saldades	8000 8500
Costas e Cebolas	5000 6000
A Espuma	7000 8000
Aves Migradoras	7000 8000
Barbeiro, penteado	7000 8000
Cidade do Vício	7000 8000
Paixões das Uvas	7000 8000
Sabores Quantos	7000 8000
Nida Iônica	7000 8000
Gorki Gabardos:	5000 6000
Teresa e Iuri	5000 6000
Alegria e Viver (2 vols.)	10000 12000
A Festa das Flores (2 vols.)	10000 12000
Afortuna das Ressacas (2 vols.)	10000 12000
Uma página de amor	6000 7000

Pelo correio

	Pelo correio
Problema de máquinas	12000
MANUAIS DE OFÍCIOS	
Fabricante de tecidos	10000
Foguero	12000
Formador e estucador	10000
Fundidor	10000
Photogram	13000
Vojojo interno de miçâmbro	3000
Cimento armado	20000
Problema de máquinas	12000
MANUAIS DE OFÍCIOS	
Fabricante de tecidos	10000
Foguero	12000
Formador e estucador	10000
Fundidor	10000
Photogram	13000
Gravura química, eléctrica e fotográfica	3000
Cimento armado	20000
Problema de máquinas	12000
MANUAIS DE OFÍCIOS	
Fabricante de tecidos	10000
Foguero	12000
Formador e estucador	10000
Fundidor	10000
Photogram	13000
Gravura química, eléctrica e fotográfica	3000
Cimento armado	20000

Pelo correio

Mistero de Doloro	6000 6500

<tbl_r cells="2" ix="1" maxc